

Descoordenação de valores

A ética e o desporto dançam ao mesmo ritmo, vão de mãos dadas para a nota desconhecida que virá a seguir. Começam a valsa coordenados, como se fossem apenas um, os passos fluem, harmoniosamente, pelo salão; os músicos seguem rigorosamente a partitura, esquecendo-se dos bailarinos principais.

Até certo momento da peça, a ética hesita num passo, mas o desporto continua, socorrendo-a, tentando mantê-la em harmonia com a melodia. A ética volta a vacilar, o desporto encara-a com um olhar de surpresa. Haviam treinado inúmeras horas juntos.

O árbitro, impaciente, não tolera erros: marcara falta na primeira hesitação, agora exhibe o cartão vermelho e a ética tem de se encaminhar para o banco. O público prende a respiração. Alguns desviam o olhar, outros franzem o sobrolho. A dança, antes tão sincronizada, parece fragilizada. Ouve-se uma interjeição em uníssono e vê-se a ética com a cabeça, mais pesada que o corpo, para baixo. Senta-se no banco e descalça-se. O seu semblante está corado, mas os olhos estão tristes.

O árbitro dá sinal ao doping para a substituir. Levanta-se do banco de suplentes e segue, euforicamente, ao encontro do desporto. O seu rosto não reflete qualquer dúvida, não teme o olhar do público, não se importa com as críticas. Aproxima-se do desporto e, com determinação, assume o lugar da ética. A música recomeça. O ritmo está mais acelerado, a dança já não tem a leveza inicial. O desporto, por um instante, parece confuso, mas rapidamente se adapta. O novo parceiro impulsiona-o para movimentos mais rápidos. Mas o desporto não sente a mesma confiança, os passos tornaram-se bruscos, forçados. O público assiste, dividido. Uns aplaudem, fascinados pela velocidade e precisão dos novos movimentos; outros sentem que algo essencial se perdeu. Onde antes havia emoção genuína, agora há apenas espetáculo. Onde antes havia respeito, agora há apenas sede de vencer, a qualquer custo.

Nos bastidores, a ética observa em silêncio. O seu peito aperta-se ao ver que os valores que ambicionava seguir foram substituídos pela injustiça.

Passam os compassos, executam-se passos de difícil execução e o doping, que até àquele momento dançava com confiança, começa a oscilar. Os seus movimentos já não têm a mesma energia. A adrenalina dos primeiros passos cedeu à exaustão. E é aí que a dúvida surge. O desporto tenta empurrar a dança para a frente, mas a falta da ética faz-se sentir a cada nota que passa. O suor escorre-lhe pelo rosto, os passos tornam-se irregulares. Sabe que não pode manter aquele ritmo por muito mais tempo. O desporto percebe que fizera uma escolha errada. Sem a ética, a dança perdera sentido.

A música para. O salão mergulha num silêncio pesado. O doping tenta continuar, mas as pernas já não respondem, acaba por cair. O público observa, incrédulo. E, no banco de suplentes, a ética espera. Não virou as costas. Espera pacientemente, pois sabe que, sem ela, o espetáculo nunca poderá ser verdadeiramente grandioso.